



*José Régio*

OBRA COMPLETA

TEATRO

I

IMPRENSA NACIONAL-CASA DA MOEDA

OS AUTORES  
PORTUGUESES

*Título:* Teatro  
Vol. I

*Autor:* José Régio

*Edição:* Imprensa Nacional-Casa da Moeda

*Concepção gráfica:* Branca Vilallonga  
(Departamento Editorial da INCM)

*Capa:* reprodução de desenhos de José Régio

*Revisão do texto:* Levi Condinho

*Tiragem:* 1000 exemplares

*Data de impressão:* Novembro de 2005

*ISBN:* 972-27-1355-8

*Depósito legal:* 225 680/05

José Régio

# TEATRO

## I

Prefácio de ANTÓNIO BRAZ TEIXEIRA

Aparato crítico dos textos inéditos  
de PAULA ESTRÊLA LOPES MENDES

IMPRENSA NACIONAL-CASA DA MOEDA

LISBOA

2005

# BENILDE OU A VIRGEM-MÃE

## BENILDE OU A VIRGEM-MÃE

DRAMA EM 3 ACTOS

### ACTO PRIMEIRO

Em um jardim, a Benilde, mãe de Benilde, está sentada em um banco, olhando para o céu. Ela está vestida de preto e parece estar em um estado de profunda tristeza. Ela está segurando um pequeno objeto em suas mãos, talvez uma flor ou uma folha. Ela está olhando para o céu com uma expressão de dor e desespero. Ela está falando para si mesma, talvez para Deus ou para o destino. Ela está dizendo que não sabe mais o que fazer, que não sabe mais para onde ir. Ela está dizendo que não sabe mais quem é, que não sabe mais quem ela é. Ela está dizendo que não sabe mais o que ela quer, que não sabe mais o que ela precisa. Ela está dizendo que não sabe mais o que ela sente, que não sabe mais o que ela pensa. Ela está dizendo que não sabe mais o que ela acredita, que não sabe mais o que ela espera. Ela está dizendo que não sabe mais o que ela faz, que não sabe mais o que ela vive. Ela está dizendo que não sabe mais o que ela é, que não sabe mais o que ela é.

*BENILDE OU A VIRGEM-MÃE*

- 1.<sup>a</sup> edição: Portugalía, Porto, 1947.
- 2.<sup>a</sup> edição: Portugalía, Lisboa, 1970.
- 3.<sup>a</sup> edição: Brasília Editora, Porto, 1983.
- 4.<sup>a</sup> edição: a actual.

## BENILDE OU A VIRGEM-MÃE

### FIGURANTES:

BENILDE, 18 anos  
EDUARDO, seu primo, 21 anos  
MELO CANTOS, pai de Benilde, 50 anos  
ETELVINA, mãe de Eduardo, 45 anos  
GENOVEVA, velha criada da casa, 60 anos  
P.<sup>e</sup> CRISTÓVÃO, 65 anos  
DR. FABRÍCIO, 55 anos



*A acção pode supor-se passada na actualidade, em qualquer solidão do vasto Alentejo.*

### ACTO PRIMEIRO

*A cena representa uma cozinha num velho solar alentejano. Grande lareira ao fundo, com uma fresta para o quintal. Estanhos e cobres no friso da lareira. Decoração apropriada. Mesa puxada à esquerda, com duas ou três cadeiras toscas e sólidas. À direita, uma porta para o interior da casa. Outra à esquerda, que dá para o quintal, a par duma pequena janela de portada única. É pela tarde dum dia de inverno. Entra uma luz soturna, escassa, pela fresta e pela janela, deixando na penumbra toda a cena. Junto da lareira, com as mãos caídas no regaço e a cabeça baixa, em silhueta sobre a luz da fresta, P.<sup>e</sup> Cristóvão está sentado. Ao cabo duns momentos de imobilidade e silêncio, entra*

*pela porta do quintal o Dr. Fabrício, acompanhado por Geneveva. O Doutor entra, tira a gabardina, aproxima-se da lareira esfregando as mãos.*

DR. FABRÍCIO — Olá, P.<sup>e</sup> Cristóvão! Não o fazia aqui.

P.<sup>e</sup> CRISTÓVÃO — Boa tarde, Doutor.

GENOVEVA (*sacode a gabardina do Dr. Fabrício, estende-a numa cadeira, e acende um grande candeeiro de petróleo que vem pôr sobre a mesa*) — Tenho que pedir muita desculpa ao Sr. Doutor. Com um tempo assim, custa a vir até este desterro.

DR. FABRÍCIO — Custava, se viesse a pé. Mas custasse o que custasse! Não sou um velho amigo da casa?

GENOVEVA — Só do carro até aqui à porta, ficou-lhe a gabardina toda molhada.

DR. FABRÍCIO (*senta-se numa das cadeiras que estão junto da mesa*) — Deixe! e vamos ao que importa: Há alguma novidade? Sei que mandou recado a minha casa logo de manhã. Mas estive quase sempre fora, e só agora pude vir.

GENOVEVA — O Sr. Doutor deve estar admirado...

DR. FABRÍCIO — Não sei porquê. Os serviços dum médico podem ser necessários dum momento para o outro.

GENOVEVA — Antes de mais, peço desculpa de o fazer entrar pela cozinha. Mas queria conversar primeiro com o Sr. Doutor. Todo o dia tenho estado de atalaia... por causa da menina Benilde. E como faço hoje de cozinheira, pois consegui ficar aqui só...

DR. FABRÍCIO — Não só de todo: Tem ali a santa companhia do Sr. P.<sup>e</sup> Cristóvão.

GENOVEVA — Santa, diz o Sr. Doutor muito bem.

P.<sup>e</sup> CRISTÓVÃO — Infelizmente, diz muito mal.

GENOVEVA — O Sr. Doutor bem sabe que o Sr. P<sup>e</sup> Cristóvão é outro dos amigos da casa. Vem cá de vez em quando, e ainda bem! As visitas que temos não são muitas. Mas hoje, fui também eu que lhe mandei pedir o grande favor de passar por aqui. Já estivemos a conversar.

DR. FABRÍCIO — Confesso que a Genoveva começa a intrigar-me! O padre e o médico, no mesmo dia, aqui introduzidos clandestinamente... Olhe, sente-se e diga, Genoveva. Estou quase assustado.

GENOVEVA — Muito obrigada, Sr. Doutor. Fico assim bem.

*(Um silêncio. Ouve-se o vento zunir lá fora, depois abanar a porta do quintal.)*

DR. FABRÍCIO — Então?

GENOVEVA — Não sei como principiar. O meu atrevimento é grande...

DR. FABRÍCIO — Principie de qualquer maneira. Mas é assim difícil...? Bem sabe que pode contar comigo. São aqui precisos os meus serviços de médico, ou simplesmente os de velho amigo da casa?

GENOVEVA — Talvez uns e outros, Sr. Doutor. Queria eu...

*(Fica-se a olhá-lo, embaraçada.)*

DR. FABRÍCIO *(quase com impaciência)* — Vamos, diga.

GENOVEVA — Eu queria que o Sr. Doutor visse a menina Benilde.

DR. FABRÍCIO — E é só isso?! A menina Benilde achou-se doente?

GENOVEVA — Não, Sr. Doutor. Eu já disse que o meu atrevimento é grande... A menina Benilde não se queixa de nada. O Sr. Melo Cantos também não dá por nada. Eu é que observo... A mim é que se me meteram desconfianças na cabeça... imagi-



nações... coisas que me não deixam dormir nem descansar! Tenho medo, Sr. Doutor! O Sr. Doutor sabe o que succedeu com a minha senhora, e em que estado morreu.. Pois bem, parece-me... (*Quase chorando.*) Tenho medo que a minha menina também não ande bem, e vá pelo mesmo caminho! E até nem posso dizer... nem posso dizer que outras desconfianças medonhas se me meteram na cabeça!

DR. FABRÍCIO — Medonhas, Genoveva?!

GENOVEVA — Medonhas!

P<sup>E</sup> CRISTÓVÃO — Quem há-de dizer é o Doutor, Genoveva. Não fales antes do tempo, que virias a envergonhar-te.

DR. FABRÍCIO (*para Genoveva*) — O Sr. P<sup>e</sup> Cristóvão já está ao corrente?

GENOVEVA — Sim, Sr. Doutor, Eu já desabafei o principal com o Sr. P<sup>e</sup> Cristóvão.

DR. FABRÍCIO — E custa-lhe tanto a desabafar também comigo?

GENOVEVA — O Sr. P<sup>e</sup> Cristóvão acha que não convém dizer tudo que me passa pela cabeça.

DR. FABRÍCIO (*um pouco irónico*) — Pois o Sr. P<sup>e</sup> Cristóvão lá sabe! Há coisas que só se dizem ao confessor. (*Breve silêncio.*) Mas vejamos, Genoveva. A sua senhora era uma doente; e esta solidão em que veio viver, neste casarão triste, demais com o feitio estranho do marido, não lhe podia ser favorável. A sua fé exaltada tornou-se uma verdadeira mania, vieram complicações... (*Com certa intenção, olhando para onde está P<sup>e</sup> Cristóvão.*) Faltou a seu lado quem tentasse arrancá-la a si própria, corrigindo os excessos da sua fé e aclarando aquela imaginação perturbada. Não se segue, porém, que a filha venha a ser exactamente o mesmo.

P<sup>E</sup> CRISTÓVÃO — Ah, não! pois não. Aliás, a mãe de Benilde era uma santa. Mas só Deus tem nas mãos os destinos humanos.

DR. FABRÍCIO — No entanto, filha dessa mãe e dum misantropo excêntrico, é natural que Benilde seja um pouco nervosa... talvez também inclinada à religião...

P.<sup>E</sup> CRISTÓVÃO — A religião não é uma doença, Doutor. E quanto a certas presunções da ciência a que chamam leis — bem longe estão de ser infalíveis. A hereditariedade... Mas perdoe-me, Doutor! Eu não passo dum ignorante na matéria. Nem seria ocasião para entrarmos em discussões.

DR. FABRÍCIO — Está claro que não, P.<sup>E</sup> Cristóvão. Deixe-me só dizer-lhe que os verdadeiros homens de ciência são muito prudentes: Os outros é que logo chamam leis ao que ainda não chamaram eles senão hipóteses. Mas ponhamos isto de lado, por agora. E vamos a saber, Genoveva: Por mim, até hoje, nunca pude notar na menina Benilde nenhum sintoma verdadeiramente alarmante...

GENOVEVA — O Sr. Doutor é que não sabe!

DR. FABRÍCIO — Não sei o quê, Genoveva?

GENOVEVA — Desculpe-me, Sr. Doutor. Quero dizer que o Sr. Doutor chegou há pouco da sua viagem; mesmo antes, com o trabalho que tem, não vinha cá muitas vezes; nem se demorava muito; por isso não tem podido observar a menina Benilde nos últimos tempos... Demais, ela disfarça muito bem!

DR. FABRÍCIO — Disfarça?!...

GENOVEVA — Sim, esconde muito bem o que se passa, quando quer. Guarda só para si.

DR. FABRÍCIO — Mas o que é que se passa?

GENOVEVA — Quem sabe?!

DR. FABRÍCIO — Ora vamos lá a falar claro, Genoveva. Diga-me tudo. Sou médico, e sou um amigo; e a Genoveva já é como se fosse família da sua menina. Bem sabe que me pode dizer até o que se não atrevesse a dizer a mais ninguém... tirante ali o Sr. P.<sup>E</sup> Cristóvão.

GENOVEVA — O que eu sei de certeza pouco é, Sr. Doutor. O pior são as desconfianças que se meteram comigo! E por causa delas é que chamei o Sr. Doutor. Mas não podem ser verdade, não podem! não podem! A menina Benilde é inocente como uma criancinha...

DR. FABRÍCIO (*levantando-se*) — Mas que desconfianças tem você, criatura?!

GENOVEVA — Não sei! O Sr. Doutor não faça caso. O Sr. Doutor é que vai saber...

(*Silêncio breve.*)

DR. FABRÍCIO (*voltando a sentar-se*) — A Genoveva disse-me há pouco que já desabafou com o Sr. P.<sup>e</sup> Cristóvão.

GENOVEVA — Já... já disse o que mais me custa dizer.

DR. FABRÍCIO — E o Sr. P.<sup>e</sup> Cristóvão é o confessor da menina Benilde, não é verdade?

P.<sup>e</sup> CRISTÓVÃO (*erguendo-se devagar*) — Isso não importa agora, Doutor.

DR. FABRÍCIO — Importa. Quero dizer que o P.<sup>e</sup> Cristóvão deve conhecer melhor Benilde, e o que se passa com ela, que qualquer de nós.

P.<sup>e</sup> CRISTÓVÃO (*quase severamente*) — O que sabe, ou não sabe, um confessor, fica entre ele e Deus.

DR. FABRÍCIO — Sim, padre, perdoe-me. E agora, Genoveva, diga o que tem a dizer... ou o que julga poder dizer. Suponho que para isso quis conversar comigo antes de eu ver a menina Benilde.

(*P.<sup>e</sup> Cristóvão volta a sentar-se.*)

GENOVEVA (*penosamente*) — Antes de mais, a menina Benilde levanta-se de noite.

DR. FABRÍCIO — Levanta-se de noite?!

GENOVEVA — Levanta-se a dormir e desce ao quintal.

DR. FABRÍCIO — Quer dizer que a menina Benilde é sonâmbula?

GENOVEVA — Desconheço essa palavra, Sr. Doutor.

DR. FABRÍCIO — Quando foi que a Genoveva deu por isso?

GENOVEVA — Há-de haver mais de dois anos. Uma noite, precisei de vir aqui à cozinha, quando ouvi mexerem naquela porta. (*Designa, com um movimento do rosto, a porta do quintal.*) Assustei-me, escondi-me para dentro da lareira... Era a menina Benilde que vinha do jardim, quase só vestida como se tinha deitado. Mas o seu modo é que ainda me assustou mais! o seu modo, e os olhos que trazia. Pensei logo na minha senhora, que Deus tenha em glória; abracei-me na menina e comecei a chorar, lembro-me perfeitamente: Então, a menina Benilde pareceu vir a si. Pediu-me que não dissesse nada ao Sr. Melo Cantos, para lhe não dar preocupações...

DR. FABRÍCIO — E a Genoveva não disse?

GENOVEVA — Disse-lhe que a menina Benilde era atreita a falar durante o sono, e até a levantar-se da cama. Não lhe disse que a tinha visto vir do quintal, nem depois lhe disse mais nada.

DR. FABRÍCIO — Pois devia ter dito, Genoveva. Pelo menos, é preciso tomar precauções, em tais casos.

GENOVEVA — Devia... se o Sr. Melo Cantos não fosse como é. Mas o Sr. Doutor bem sabe o feitio esquisito que ele tem! Até eu lhe ganhei quase medo, e sirvo-o há tantos anos! Nunca me atreveria a dizer-lhe muito mais. Ele é como se fosse cego para a maior parte das coisas. Vive só metido consigo; e parece que mal repara na filha, embora eu esteja certa que é muito amigo dela. Por outro lado, a menina Benilde teima que não tem nada a que os médicos dêem remédio. Diz... diz que o seu caso não é com os médicos. O Sr. Doutor bem vê a situação em que estou. Enfim, lá consegui preparar a menina Benilde para